

Na figura 3 é apresentado o quadro dos elementos objetivos da matriz, que são os valores técnicos utilizados nas edificações ou no meio ambiente em geral, que resultam no espaço sensorial e perceptivo. Constrói-se o meio ambiente ao se utilizar valores objetivos como forma, função, cor, textura, aeração, temperatura ambiental, iluminação, sonoridade, significante e simbologia. “Cada um desses valores objetivos resulta no espaço dimensionado, funcional, sonoro, colorido, significante, e a somatória deles resulta no espaço da comunicação e da arquitetura” [33].

O ser humano recebe os estímulos advindos do espaço através de modalidades de diferentes formas de energia que estimulam os receptores especializados. Por meio deles, sente-se o ambiente e os fatos e eventos que chamam a atenção ou que são selecionados como de interesse, quando, então, tem-se a percepção da realidade de forma consciente. Já a maioria dos estímulos entra para o inconsciente, no qual forma o contexto ambiental.

Elementos subjetivos

Conforme Okamoto [33], os elementos subjetivos (não-objetivos) estão classificados em seis categorias. Por exemplo, cor, geometria, proporção, ritmo, escala, balanço, forma, leveza e textura, estão todos situados no sentido do pensamento, no sentido da compleição, dentro da lei da polaridade. Os demais estão no sentido da abdução.

Ainda assim, existem outros sentidos internos que geram influência no comportamento, além dos cinco sentidos comuns, que são os sentidos de interface com a realidade, representando as portas de entrada e de saída dos estímulos e das ações que praticamos.

Após a percepção, tem-se a consciência, quando o Eu (desejo, anseio, vontade ou necessidade a ser atendida) participa nas decisões sobre o comportamento. “Essa interpretação provém dos conceitos da antroposofia de Rudolf Steiner, através dos estudos do psicólogo David Yaari, que identificou doze sentidos interpretados além do sentido

restrito da fisiologia” [33]. Isso fez com que se formasse um conjunto com a consciência do Eu no comportamento do ser humano. Ou seja, todos os sentidos são utilizados em relação ao Eu, em relação a nós mesmos, ao nosso redor e ao redor do mundo, no processo de sentir, querer e pensar.

Os doze sentidos estão distribuídos nesse processo, conforme o quadro 1:

Quadro 1

Sentir	visão, olfato, paladar, térmico (que dão a sintonia entre o interior e o exterior)
Querer	tato, orgânico, cinestésico, equilíbrio (que dão a sensação de nós mesmos ao estabelecermos nossa relação com o mundo)
Pensar	audição, linguagem, pensamento, Eu (que dão a sensação do mundo ao estabelecermos nossa relação conosco mesmos)

A cartografia alternativa – não hegemônica

“Nas grandes metrópoles nenhuma pessoa pode conhecer bem, senão um pequeno fragmento da cena urbana total; nem é necessário para ela ter um mapa mental ou imagem da totalidade da cidade para poder prosperar no seu canto do mudo” [34].

Kastrup [35] fala em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares: “a cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso. Temos sempre, portanto, cartografias praticadas em domínios específicos”.

O desafio da cartografia é justamente a investigação de formas, porém, indissociadas de sua dimensão processual, ou seja, do plano coletivo das forças moventes [36].

Passos [37] adverte que o método da cartografia “não é um conjunto de regras para ser aplicadas, nem um saber pronto para ser transmitido”. Sendo assim, a aprendizagem da cartografia não é questão de aquisição de saber nem de transmissão de informação. É preciso praticar a cartografia.

Os situacionistas não foram os primeiros a trabalhar com mapas para evidenciar situações. A própria infografia foi iniciada a partir de dados correlacionados ao território. No entanto, com o